



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
2ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Palma de Óleo**

Belém-PA, 14 de outubro de 2010

Meu querido companheiro Gerardo Fontelles, ministro interino da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Nossa querida companheira Izabella, ministra do Meio Ambiente,

Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência,

Nosso querido companheiro Pedro Arraes, presidente da Embrapa,

Nosso querido Abidias José de Sousa Júnior, presidente do Banco da Amazônia,

Meu caro Marcílio Monteiro, secretário estadual de Projetos Estratégicos,

Meu caro companheiro Manoel Vicente Fernandes Bertone, presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Palma de Óleo, por meio de quem cumprimento todos os companheiros delegados da Câmara,

Senhores Marcelo e Ovídio Brito, por meio dos quais cumprimento os produtores de óleo de palma,

Nossa querida companheira Benedita, por meio de quem cumprimento todos os agricultores familiares aqui presentes,

Companheiros convidados,

Querido companheiro Miguel Rossetto, nosso presidente da Petrobras Biocombustíveis – ele inventou o nome PBio e eu disse para ele que tinha que mudar de nome, porque PBio não era nome de empresa, (incompreensível) mais potente, sobretudo porque era ligado à Petrobras.

Olhem, eu penso que o que eu ouvi aqui, dos companheiros que



participaram e que participam da Câmara já é suficiente para que eu possa concluir que nós estávamos certos, Tereza, quando resolvemos acreditar, primeiro na política de biocombustíveis, que tudo começou pensando na produção de biocombustíveis. Depois, acreditar na necessidade de fazer um zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, do dendê, porque era preciso que a gente compreendesse que, na medida em que o Brasil vai ficando importante no mundo, também começam a aparecer adversários, começam a aparecer competidores. Ou seja, quando você não é ninguém, ninguém nota você, ninguém olha. Agora, quando você começa a ser importante, em uma atividade econômica, você começa a ter os inimigos a começarem a te torpedear, a tentar criar uma imagem negativa do produto que você produz.

Não tenho dúvida, não tenho dúvida que logo, logo estarão dizendo que nós estamos invadindo a Amazônia, que nós estamos plantando em lugares que não poderia plantar, que nós temos trabalho escravo aqui no Brasil, que nós temos trabalho infantil aqui no Brasil. Ou seja, logo, logo, eles vão começar a dizer que nós não poderíamos existir nesse mercado de palma.

O dado concreto e objetivo é que o mundo que, durante tanto tempo, ficou na expectativa de que o Brasil deixasse de ser um gigante adormecido e passasse a ser um gigante vivo e ativo, está assistindo agora o Brasil despertar com uma consciência muito maior do que aquela que a gente tinha ou utilizava há alguns anos.

Primeiro, a Embrapa. O Pedro é um companheiro pesquisador da Embrapa há muito tempo. A especialidade dele era produção... pesquisa de feijão e de arroz, ele era especialista naquilo que era mais substancial no nosso prato de cada dia. Só faltou ser especialista no feijão, arroz e um ovinho frito, pesquisar o ovinho da galinha. Pois bem, o companheiro Pedro sabe da quantidade de investimentos que nós fizemos na Embrapa para recuperar a capacidade de investimento em pesquisa que a Embrapa tinha; acabar com as greves na Embrapa, pagando um salário melhor para o pessoal da Embrapa; e,



ao mesmo tempo, não deixar faltar dinheiro para que a Embrapa pudesse mandar os pesquisadores pesquisarem aquilo que era necessário pesquisar.

Além disso, nós resolvemos tomar uma decisão de que a Embrapa deveria virar uma empresa multinacional de pesquisa, ou seja, ela, hoje, está na África, ela hoje está na Venezuela, na América do Sul, ela hoje está no Panamá, na América Central, e a nossa ideia é que a Petrobras [Embrapa] se transforme em uma empresa, eu diria, do tamanho do que ela fez de bem para a agricultura brasileira.

Então, ô Pedro, você não sabe o orgulho, como brasileiro, de receber a notícia que você nos deu, aqui, da descoberta de uma planta com a semente híbrida que possa produzir mais uma palma baixinha, para a gente pegar com a mão; você pode até pegar um hectare e plantar no Rio Grande do Sul, Guilherme, que você não vai subir escada, não vai precisar de facão, você vai colher. E isso parece pouco, porque um cara como eu, vou ter que agachar para tirar o meu dendê; você vai ter que levantar o pé. Então, eu acho que isso é um feito tão extraordinário que já valia a pena ter participado desta reunião da Câmara Setorial.

Mas uma coisa que eu acho importante, querida Benedita, é que esse programa, pensado não apenas na produção de biocombustível, mas pensado na sustentabilidade de alimento para o mundo, pensado na sustentabilidade da indústria de cosmético, na indústria química... Ou seja, seja para o que quiserem utilizar, o dado concreto é que não tem no mundo nenhum país em condições de competir com o Brasil, tanto em área agricultável quanto em água, quanto em sol, portanto na construção da fotossíntese necessária para produzir o que nós quisermos, não tem ninguém que consiga competir com o Brasil.

Ora, a novidade extraordinária é que o Brasil consegue apresentar um programa em que a gente assume o compromisso até de fazer empréstimo diferenciado para aquelas pessoas que queiram investir na recuperação de



áreas degradadas. Ou seja, mostrando ao mundo que não apenas a gente está diminuindo o desmatamento da Amazônia, como nós estamos contribuindo com a plantação de novas árvores para sequestrar o carbono que os países industrializados estão jogando na atmosfera. Essa é uma coisa e uma vantagem comparativa para o Brasil extraordinária. É uma coisa que ainda muita gente não tem dimensão. E o Marcelo, quando falou das brigas que tinha na Câmara Setorial, Marcelo, eu lembro da discussão que nós tivemos para tentar criar a humanização do trabalho na cana-de-açúcar.

Você sabe que, nos mais diferentes seguimentos da sociedade, você tem gente que puxa para um lado, gente que puxa para o outro, gente que aposta no fracasso. Por exemplo, quando nós decidimos que não íamos permitir cana-de-açúcar na região próxima ao Pantanal, ou seja, contra, praticamente, todos os interesses dos próprios produtores de cana no Brasil, alguns setores queriam que a gente invadisse o Pantanal plantando cana-de-açúcar. E eu dizia para eles: “Olhem, se nós fizermos isso, o Brasil vai receber um bombardeio dos países desenvolvidos da Europa, dos Estados Unidos, do Japão e de outros países, que o nosso produto vai perder valor no mercado internacional”.

Quando a gente começa a ser competitivo na questão do dendê, quando a gente começa a produzir, não importa para que as pessoas querem comprar de nós. O que importa é que a gente está produzindo, está preservando, está gerando emprego, distribuindo renda, está recuperando, inclusive, áreas degradadas. Quando a gente começa a ser competitivo – e isso é, para nós, muito importante – só tem sentindo se a gente tiver mais pessoas falando como a Benedita falou aqui. Pessoas que não sejam tratadas como foram na grande fase da monocultura da cana-de-açúcar, em que o usineiro era extremamente rico e o trabalhador que cortava cana extremamente miserável. Nós queremos que o empresário da palma seja rico, mas nós queremos que o trabalhador da palma viva dignamente, sustente a sua família e possa até colocar seus filhos



na faculdade, como a companheira Benedita, tão orgulhosamente, fala dos filhos dela.

E aí, a gente constrói a harmonia. A gente constrói a harmonia necessária para que a gente possa se entender e perceber que é possível nós nos apresentarmos ao mundo como seres civilizados, capazes de construir harmonia, capazes de construir uma cadeia produtiva sadia.

Eu lembro, Marcelo, quando nós criamos a Câmara Setorial, em 1992, para tentar organizar quase que um salvamento da indústria automobilística brasileira. O que a gente queria? A gente queria que o governo estadual abrisse mão um pouquinho de ICMS, os empresários aceitassem diminuir um tiquinho de nada o seu lucro, que os trabalhadores resolvessem ceder em alguma coisa e que a gente pudesse construir a sobrevivência da indústria.

Você não sabe, Marcelo, a guerra, a briga: era gente contra; era gente xingando os sindicalistas que queriam fazer a Câmara Setorial, de atrasados, que estavam vendendo a classe operária; era governo dizendo que o governo ia perder muito dinheiro. Sabe, era um negócio maluco. O que aconteceu, um ano depois? Todo mundo ganhou. Ganhou o governo porque arrecadou mais, ganharam os trabalhadores porque tiveram garantia no emprego, e ganharam os empresários porque venderam mais.

O que vocês estão construindo é a sobrevivência coletiva de um setor que está nascendo neste país. E que, por estar nascendo, ele pode nascer totalmente diferente das coisas velhas que nós conhecíamos no Brasil. Ou seja, ver a Benedita tratar o dono da Agropalma como companheiro, e ver o dono da Agropalma tratar ela como companheira, ou seja, um precisa do outro e os dois juntos se complementam e constroem essa coisa extraordinária que nós estamos construindo no Brasil.

Eu fico extremamente feliz, Tereza, e quero aqui dizer que são justas as palavras de elogio que estão sendo feitas a você, porque eu sei da sua dedicação e sei em... foi muito pouco tempo para a gente chegar onde nós



chegamos. Ou seja, gente, era impensável... pensem: era impensável, até outro dia, a gente ver um menino como aquele, de 19 anos, filho de uma mulher humilde, fazer um acordo e receber R\$ 57 mil de empréstimo. Benedita, não recebia R\$ 0,05 de empréstimo neste país, pobre não conseguia entrar no banco. Agora, a gente vai lá em São Paulo, a gente vê o BNDES emprestar R\$ 200 milhões para catadores de papel. A gente vê aqui um trabalhador humilde, com a sua mãe – ela tem nove filhos, nove filhos – pegar R\$ 57 mil emprestado. Isso não existia, era “nem pensar”. O Basa não podia nem ver, em outro tempo, alguém chegar perto para pedir tanto dinheiro assim de uma só vez. Agora, com um presidente democrático e popular, está até vendo. Chegar e emprestar, emprestar sabendo que a pessoa vai ter que ficar cinco ou seis anos sem pagar nada, que é o tempo de ele começar a colher. É esse companheiro que está [pegando] emprestado, vai ter que ter um salário para sobreviver até começar a colher, vai ter 14 anos para pagar, a taxa de juros é de apenas 2%. Dois por cento, eu não sei se é muito ou se é pouco, mas, sabe, deve ser muito ainda, por ano, por ano. Está razoável, está razoável para os padrões do Basa, está razoável. Hein? E se pagar em dia, tem 15% de desconto. O quê? Ah, 15%, se pagar em dia. Isso, até lá, vai mudar, vai reduzir um pouco mais.

De qualquer forma, eu tive a oportunidade de participar lá em Tomé-Açu. Eu saí mais confiante do que eu cheguei, porque eu vi o que é possível a gente, em uma região inóspita, criar condições de as pessoas viverem dignamente. E é verdade, Benedita: junto com o crescimento econômico, o governo do estado tem que levar lá um posto médico, para atender as pessoas, junto tem que levar a escola para as crianças poderem estudar. Tudo isso vai acontecendo, nada disso acontece de um dia.

Não é possível a gente pegar um pacotão e colocar tudo... Isso vai sendo construído. O que é importante, Benedita, é que a gente tenha milhares, ou milhões de brasileiros com a sua disposição e com a sua consciência de



que a partir do seu trabalho, a partir da sua dedicação, que esse projeto pode dar certo e que o Brasil pode vencer. Empresas como a Agropalma, como a Petrobras, como outras empresas, garantindo ao pequeno produtor: você vai plantar e você vai ter preço pelo seu produto, e você vai sobreviver dignamente.

Portanto, eu quero dar os parabéns à Câmara Setorial, quero dar os parabéns aos trabalhadores, aos empresários e à nossa querida companheira Tereza, que eu espero que continue participando ativamente, até que o processo possa se consolidar definitivamente e o Brasil seja o maior produtor de palma do mundo, e que a Embrapa consiga fazer uma semente (incompreensível) mais baixinha, mais graúda, que não tenha o amarelamento fatal. Foi desse amarelamento fatal que criaram um filme chamado “Atração Fatal”. Então, essa é a atração fatal do dendê.

Então, eu quero, quero dar os parabéns. E dizer para vocês que faltam só dois meses e meio para eu deixar a Presidência da República, mas essa é uma coisa que eu saio convencido de que nós fizemos uma aposta e nós sairemos vencedores, porque o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade. Quem quiser comer moqueca, vai comer com dendê brasileiro; quem quiser produzir cosmético, vai produzir com palma brasileira; quem quiser fazer biodiesel, Rossetto, com palma brasileira. E aí nós estaremos tornando este país mais rico e mais justo para todos nós.

Um beijo, um abraço e parabéns.

(\$211 A)